

Poemas sobre gestar, parir e se parir  
Por Adélia Jevaux Pereira

### **Willendorf**

Das Vênus  
a mais redonda  
e firme

Ele pesa dentro  
e eu piso  
como um peão  
girando a cada passo  
e sigo  
lotada  
e rija  
com a nossa abundância  
por um quarteirão  
ou dez  
ou quantos sejam que me restam

Até eu me esvaziar  
pra me preencher  
de outros contornos

## **Potestade**

O sangue  
corre  
nas minhas veias  
e te embala  
porque me sabes  
viva

Nos lampejos  
dos teus braços de maestro  
basta que encontres  
o meu corpo  
e estás  
demarcado

Ao som da água  
mijas  
como quem sabe  
que a urina escorre  
na minha pele  
e que eu sorrio  
em regozijo

Sou tua casa  
cama  
e floresta

Não posso me mover  
nem parar de me mover

Saíste de mim  
mas sou eu que te pertenço

Longânime em ser  
cada vez menos  
teu tudo

Pequeno tirano  
que dorme  
sob o manto  
do meu hálito

## **Turno**

Pendulo  
no escuro da luz branca  
de trás da montanha  
e da amarela pra lá da parede

Guardando o  
sigilo  
da conversa  
dos nossos poros  
que, cobertos de pano  
e molhados de leite  
e de saliva,  
se confundem  
como os minutos dos dias  
e os dias dos meses  
no tempo que corre  
mas que ainda não é tempo  
e que então não é nada

Por isso te aperto  
em mim  
na madrugada

Tentando fazer de cada suspiro  
cadência

de cada lágrima  
caminho

de cada passo  
dança

## **Titânia**

Quando a noite  
cobra o quinhão  
do dia  
e meu corpo range  
como o chão  
de uma casa  
com porão  
me entrego à fantasia  
de estar nos braços  
de uma gigante

Feita das mães da minha mãe  
e da minha mãe  
enxundiosa  
afundo a cara  
em seus fartos seios  
macia que é  
a coisa do amparo

Com seus pés largos  
caminha pelas  
bordas do mundo  
me desonera os quadris  
e apazigua meus ombros

Me carrega  
e me consola  
enquanto eu carrego  
e consolo  
meu filho  
num casulo infinito  
de matrioska-canguru

## **Proposição**

A bruxa  
é o eco  
do grito  
que dei no parto  
estilhaçado  
pelas horas  
em que os dias  
viram noite

É o choro  
meu  
sem colo  
que volta  
da boca do meu filho  
pra eu me acolher

É a fúria  
que prova erradas  
as pessoas que dizem  
que bebês são  
anjos

## **Montante**

O rebento rugiu  
intransigente

O peito encheu  
diligente

Encharcando o tecido  
indulgente

Então pedra virou  
insolente

E na mungidura  
inclemente

Recusei o furor  
desistente

Mas o bico que pinga  
insistente

Lembra que sou  
mulher de abundância  
e resistente

Feito farelo de pão  
na estrada  
lembrando o caminho  
de casa  
de gota em gota  
sobe a maré  
valente

E você  
que já era meu filho  
virou meu filhote  
bicho lactente

De mim  
de novo  
e enfim  
absoluto  
dependente

## **Devoniana**

Deitada na cama  
ergo o cueiro  
recendendo a leite  
sobre as nossas cabeças  
e diante do olhar  
maravilhado  
do meu filho  
simulo o mar

Ele gargalha  
e bate as pernas  
como quem nada:  
boiar, essa memória recente

Mas eu  
entoo o rugido  
das ondas  
como se as comandasse  
quando na verdade  
elas me engolem

Disseram  
em algum lugar  
que a díade  
é como a praia  
entes distintos  
mas sobrepostos  
e misturados  
um revirando o outro  
algo assim

Da profundez  
eu rumo ao litoral  
mas antes de me ver  
anfibia  
sou pura arrebentação